

A DIFERENCIAÇÃO ESPACIAL E AS INTERPRETAÇÕES DA GEOGRAFIA TEORÉTICO-QUANTITATIVA E DA GEOGRAFIA CRÍTICA

The space differentiation and the interpretations of the Teorético-Quantitative Geography and of the Critical Geography

Kelly Cristine Bessa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ / bessa@ufu.br

Artigo recebido em 8/9/2004 e aceito para publicação em 30/09/2004

RESUMO:

A diferenciação espacial é, aparentemente, um conceito banal e de fácil compreensão, pois a diferença sobressai no plano do imediato e do diretamente perceptível. Contudo, a banalidade deste conceito desvela-se quando se considera a possibilidade de ser a diferenciação espacial um elemento essencial à natureza da Geografia: mais do que consciência ou reconhecimento banal da existência da diferenciação espacial em sua concreticidade, é preciso concebê-la em sua riqueza analítica. Possibilizar a diferenciação espacial como uma realidade concreta e como uma categoria analítica representa o desafio deste texto. Para tanto, a análise orienta-se por meio dos distintos enfoques teórico-metodológicos de duas correntes geográficas: o da Geografia Teorético-Quantitativa e o da Geografia Crítica.

Palavras-chave: Diferenciação espacial; Natureza da Geografia; Geografia Teorético-Quantitativa, Geografia Crítica

ABSTRACT:

The space differentiation is, seemingly, a banal concept and of easy understanding, because the difference stands out in the plan of the immediate and of the directly perceptible. However, the banality of this concept is watched when is considered the possibility to be the space differentiation an essential element to the nature of the Geography: more than conscience or banal recognition of the existence of the space differentiation in your concreticidade, is necessary to conceive it in your analytic wealth. To turn possible the space differentiation as a concrete reality and as an analytic category it represents it challenges of this text. For so much, the analysis will be guided through the different theoretical-methodological focuses of two geographical currents: of the Teorético-Quantitative Geography and of the Critical Geography.

Keywords: Space differentiation, Nature of the Geography, Teorético-Quantitative Geography, Critical Geography

1 – INTRODUÇÃO

Diferenciação espacial é um termo familiar à Geografia, visto ser esta a ciência do espaço e das categorias espaciais, cujo objetivo é interpretar a espacialidade das realidades concretas, ou seja, é explicar ou tornar inteligível essas realidades sob seu aspecto espacial. A Geografia, de fato, sempre estruturou-se no sentido de produzir um conhecimento de natureza espacial: o positivismo clássico orientou a construção de uma *geografia das aparências*, de uma *geografia das superfícies*¹; a abordagem do positivismo lógico determinou a constituição de uma *geografia do padrão espacial*; e na perspectiva do materialismo histórico-dialético, a produção da sociedade ocorre também sob a forma de produção do espaço, permitindo a construção de um saber *socioespacial*, todavia tal processo de produção tem como resultante um espaço fragmentado e desigual e, desta maneira, criou-se uma *geografia das desigualdades socioespaciais*, uma vez que a produção espacial expressa as contradições da sociedade, mediante a manutenção e o recriar das desigualdades socioespaciais. Enfim, a natureza da Geografia está associada a uma visão espacial, como observam Pattison (1964/1976) e Taaffe (1975). Entretanto, o espaço apresenta-se, qualitativo e qualitativamente, diferenciado, haja vista que dificilmente se pode olhar para o mundo sem se perceber os distintos conteúdos espaciais, definidos mediante uma contínua reorganização do espaço: na prática socioespacial, o mundo revela-se em suas diferenças, quer dizer, em sua diversidade.

Aparentemente, a diferenciação espacial é um conceito banal e de fácil compreensão, pois a diferença salta aos olhos, sobressai no plano do imediato e do diretamente perceptível, visto ser imanente às relações humanas. Neste sentido, a diferenciação espacial seria, simplesmente, um correspondente geográfico, ou seja, a diferença, condição essencial às relações humanas, expressa no espaço. A diferenciação espacial é visível tanto

nos aspectos físicos — solo, relevo, clima, quanto nos aspectos sociais — linguagem, condições de renda, cultura. À medida que ambos, aspectos físicos e sociais, diferenciam-se no espaço, tem-se como resultado a diferenciação espacial, quer dizer, tem-se uma organização diferenciada do espaço. A Geografia valeu-se de limites, de fronteiras, de divisões regionais, isto é, de recortes territoriais para expressar tais diferenças ou, melhor, para exprimir as diferenciações espaciais. Nesse imediatismo perceptível do dado aparente, dissolve-se o sentido mais amplo da diferenciação espacial enquanto conceito.

A banalidade desse conceito, contudo, desvela-se quando se considera a possibilidade de ser a diferenciação espacial um elemento próprio à natureza da Geografia. Como categoria de entendimento da realidade, a diferenciação espacial tem um significado abrangente e complexo, que envolve uma gama de outros conceitos, sob diversas possibilidades analíticas. Assim, mais do que consciência ou reconhecimento banal da existência da diferenciação espacial em sua concreticidade, é preciso concebê-la em sua riqueza analítica. Possibilizar a diferenciação espacial como uma realidade e uma categoria analítica representa desafio importante e, nesta perspectiva, inquietações colocam-se como questões para a reflexão: Qual seria a verdadeira dimensão desse termo tão familiar à Geografia? A diferenciação espacial constitui-se de fato em uma das visões a respeito da natureza da Geografia? Se este é o caso, quais os conteúdos presentes na evolução do pensamento geográfico?

Em diversos momentos, e sob posturas epistemológicas e metodológicas distintas, a diferenciação espacial aparece na análise geográfica, como, por exemplo, em artigo recente de Santos (1999, p. 5-6), no qual ele aborda a interconexão entre modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial, ressaltando que ... a palavra “espaço”, da qual a expressão “diferenciação espacial” é uma

¹ O fato de iniciar a discussão com o positivismo clássico, ou seja, a partir da emergência da Geografia dita científica, não deve colocar em dúvida a importância do saber geográfico produzido anteriormente.

*decorrência, tem sido utilizada com a maior imprecisão no vocabulário da Geografia. Vale acrescentar que, por extensão, tal imprecisão estende-se também à própria noção de diferenciação espacial. Moreira (1999, p. 46) assinala que ... diferença na Geografia é diferenciação ou, ainda, que ... diferenciação e heterogeneidade são os termos da diferença na Geografia, sendo possível incluir ambos na noção de diferenciação espacial, pois, como afirma o referido autor, ... a categoria heterogeneidade não atua entretanto sozinha..., ao seu lado intervém a categoria da diferenciação. Corrêa (1995, p. 35), examinando espaço como um conceito-chave da Geografia, aponta que ... as práticas espaciais resultam, de um lado, da consciência que o Homem tem da diferenciação espacial... e ... de outro lado são ingredientes através dos quais a diferenciação espacial é valorizada. No livro *Região e Organização Espacial*, Corrêa (1991, p. 8) argumenta que a natureza da Geografia ... tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre os homens e entre estes e a natureza. Gregory (1989), por sua vez, vem introduzindo a discussão da diferenciação de área nos debates acerca da Geografia Humana pós-moderna. Massey (1984) também dedica especial interesse pela diferenciação espacial, particularmente, no que se refere à preocupação com os mecanismos geradores do desenvolvimento desigual do espaço. Há que se ressaltar que Massey (1978/1981, p. 52) busca reabilitar a noção de região em paralelo com a de diferenciação espacial, afirmando que ... o propósito dos trabalhos sobre regionalismo é procurar entender a formação, a natureza e os efeitos da diferenciação espacial. Lacoste (1980), discutindo unidade e diversidade, coloca em destaque o conceito de *espacialidade diferenciada*, o qual seria melhor denominado de diferenciação espacial. Em seu artigo *As Quatro Tradições da Geografia*, Pattison (1964/1976) aponta a diferenciação de áreas como uma importante tradição dos estudos geográficos. Esses são apenas alguns exemplos nos quais a diferenciação espacial é discutida como essencial aos estudos geográficos. No entanto, vários outros*

trabalhos poderiam ser citados, porém, apesar da rica bibliografia, o termo aparece de maneira bastante imprecisa e diluída nas pesquisas geográficas.

Nessa perspectiva, pensar a diferenciação espacial como uma das visões a respeito da natureza da Geografia exige uma reflexão crítica sobre o objeto e os métodos da Geografia ou, em outras palavras, uma discussão sobre a epistemologia nesta disciplina, buscando constituir, desta maneira, um patamar para a construção das necessárias mediações em torno do desafio de refletir sobre a natureza da Geografia, cuja existência e significado foram edificados ao longo da história da modernidade, a partir do estabelecimento de categorias conceituais tomadas como exclusivas, analíticas e definidoras de um amplo conjunto de saberes tidos como geográficos. Tais categorias permitem o exercício reflexivo sobre a complexidade do mundo, quer dizer, possibilitam a análise geográfica do mundo ou, como ensinou Gomes (1996, p. 342), acerca da *ordem do mundo*.

A Geografia construiu, ao longo de sua história, expectativas com relação à interpretação da espacialidade dos fenômenos que se referem à ação humana modelando a superfície terrestre. Anteriormente ao processo de sistematização da disciplina por Humboldt e Ritter, Kant desenvolveu a idéia de que ... *a Geografia constituir-se-ia na ciência que estudava todos os fenômenos organizados espacialmente* (Corrêa, 1995, p. 18). O espaço, contudo, não representou um conceito-chave para a Geografia Clássica, que privilegiou os conceitos de paisagem e de região. Todavia, o espaço está presente, ainda que de maneira implícita, nas obras de Ratzel, que, em sua *Antropogeografia*, desenvolve os conceitos de *território* e de *espaço vital*; e também de Hartshorne (1939), que expôs a idéia de *espaço absoluto*. Na Geografia Teorético-Quantitativa, o *espaço* é tratado como conceito-chave, sendo sua valorização iniciada com Schaefer (1953), Ullman (1954) e Watson (1955), até que Bunge (1966) afirma que a Geografia deve ser uma *ciência espacial*. Entretanto, cabe salientar que a concepção de espaço dos geógrafos teórico-quantitativo

tativistas é limitada. O espaço, na Geografia Crítica, permanece como conceito-chave, porém, associado às possibilidades analíticas do materialismo histórico-dialético, mediante as quais se tem o pleno desenvolvimento da noção de espaço geográfico². Desse modo, não há como negligenciar a valorização do espaço como categoria-chave para a análise geográfica.

Nesses contextos, a diferenciação espacial é apontada como elemento essencial à natureza da Geografia, estando, portanto, vinculada aos conteúdos do espaço geográfico e não à simples correspondência ou decorrência da diferença no espaço. Porém, a análise da bibliografia mostra que esta condição encontra-se diluída e, até mesmo, implícita nos estudos geográficos.

Nessa perspectiva, este texto destaca como a diferenciação espacial constitui-se em uma das visões a respeito da natureza da Geografia. Para tanto, a discussão que se segue, além desta introdução e das considerações finais, encontra-se organizada em dois tópicos, que correspondem a duas interpretações distintas da diferenciação espacial, uma apresenta a perspectiva da Geografia Teorético-Quantitativa e outra enfoca a noção fundada na Geografia Crítica. Nas considerações finais estabelece-se um breve confronto entre tais interpretações, uma vez que a análise da diferenciação espacial far-se-á por meio dos distintos enfoques metodológicos e suas especificidades epistemológicas. Os elementos que compõem a presente análise são, portanto, bem definidos, pois correspondem especificamente

aos enfoques das duas correntes geográficas que mais investiram na reflexão epistemológica, isto é, que foram fundamentais na orientação teórico-metodológica da produção do conhecimento geográfico.

2 – DIFERENCIAÇÃO ESPACIAL NA PERSPECTIVA DO POSITIVISMO LÓGICO: A INTERPRETAÇÃO DA GEOGRAFIA TEORÉTICO-QUANTITATIVA

A Geografia Teorético-Quantitativa, baseada na filosofia e metodologia do positivismo lógico, introduziu mudanças de caráter epistemológico e de orientação metodológica que transformaram a natureza da Geografia, isto é, que foram capazes de alterar a perspectiva geral da análise geográfica, como asseveram Claval (1974/1976), Santos (1978), Capel (1981), Mendoza, et. al. (1982), Christofolletti (1985/1976), Gomes (1996), dentre outros³.

Essas transformações estão diretamente associadas à *análise espacial*, que se tornou o objeto de investigação geográfica, por intermédio do desenvolvimento de uma metodologia que se orienta no sentido de tornar inteligível a *organização espacial*. Desse modo, fica evidente que a orientação epistemológica estava associada ao desenvolvimento de uma *visão espacial*, como salientam Pattison (1964/1976) e Taaffe (1975). Do ponto de vista propriamente metodológico, cabe ressaltar que a associação com a teoria analítica, que dá corpo àquilo que se denomina positivismo lógico⁴, foi elemento-

² Noção também bastante ampliada a partir das contribuições do horizonte humanista-cultural e também das geografias pós-modernas.

³ A Geografia Teorético-Quantitativa nasce simultaneamente na Suécia, com os trabalhos de Torsten Hägerstrand; na Inglaterra, com Peter Haggett, Michael Chisholm e Richard Chorley; e nos Estados Unidos, cujos primeiros indícios são encontrados no artigo de Schaefer (1953), no qual o referido autor critica as posturas epistemológicas e metodológicas da Geografia Tradicional, especialmente a concepção da Geografia Regional, defendendo a necessidade de uma nova concepção analítica para a Geografia, e, posteriormente, com os trabalhos Edward Ullman, William Bunge, que estabelecem críticas às teorias hettnerianas e hartshornianas. As obras de Brian Berry, que resgata os pressupostos de Christaller em seus estudos urbanos, e de David Harvey, que insiste em reflexões sobre o caráter científico da Geografia, exerceram grande influência no pensamento teórico-quantitativo.

⁴ O movimento associado ao positivismo lógico ganhou destaque nos círculos filosóficos a partir da segunda metade do século XX, apesar de suas origens remontarem ao início deste mesmo século, sendo sua influência tardia sobre as outras disciplinas justificada pelas limitações impostas pelo período de guerras e entre-guerras e também pela força dos movimentos positivistas tradicionais. A filosofia analítica tem suas origens vinculadas às críticas feitas às correntes neo-hegelianas e às possibilidades de

chave para a transformação das condutas, particularmente pelo uso da lógica matemática, da concepção sistêmica e dos modelos lógicos. Tais procedimentos são as características mais significativas e distintivas da Geografia Teorético-Quantitativa, constituindo-se em instrumentos analíticos para uma conduta verdadeiramente científica e racional, como era o anseio dos geógrafos teorético-quantitativistas, a exemplo de Burton (1963/1967), Davies (1977), Bunge (1966), Haggett (1966), Harvey (1969), dentre outros, que estavam preocupados com o caráter científico da análise geográfica.

Com essas novas condutas teóricas e metodológicas, a Geografia Teorético-Quantitativa redefiniu alguns conceitos tradicionais, a exemplo do conceito de região, e abandonou outros, a exemplo dos conceitos de paisagem e de lugar⁵. O espaço, no entanto, passa a ser tratado como conceito-chave, pois a partir do desenvolvimento do conceito de *organização espacial* nota-se uma valorização do conceito de espaço. Corrêa (1995, p.20) ressalta que assim ... *o espaço aparece, pela primeira vez na história do pensamento geográfico, como o conceito-chave da disciplina.*

A valorização do espaço é iniciada com Schaefer (1953), que propunha a substituição da noção de *lugar* pela concepção de *espaço*; e seguida por Ullman (1954) e por Watson (1955), que deram destaque às interações espaciais. Já nos anos de 1960, Berry (1964) afirma que o objeto da Geografia é o espaço. Bunge (1966), indo mais longe, assegura que a Geografia deve ser vista como uma *ciência espacial*. Nystuen (1968) concorda plenamente com

a visão espacialista de Bunge (1966), reconhecendo que o *espaço* seria o ponto comum de convergência da Geografia, ou seja, o ângulo comum que forneceria unidade à ciência geográfica. Esses autores reconhecem a Geografia como ciência do espaço e, por conseguinte, o espaço como objeto da Geografia.

Pattison (1964/1976) e também Taaffe (1975), em posturas de síntese, reafirmam a importância que a *análise espacial* e, por extensão, o espaço passaram a ter na Geografia a partir da abordagem teorético-quantitativa. Taaffe (1975, p. 6) observa que ... *a década de sessenta foi dominada pela visão espacial*. Neste mesmo sentido, Christofletti (1985) ressalta que, ao ... *deslocar o foco da análise para o das organizações espaciais, estava-se propondo modificação substancial...* na natureza da Geografia. Gomes (1996) também salienta a importância que teve a Geografia Teorético-Quantitativa, no seu projeto de fazer da Geografia uma ciência moderna, para a valorização do espaço.

A ênfase dada à *análise espacial* pode ser constatada em obras clássicas da Geografia Teorético-Quantitativa, a exemplo das obras de Bunge (1966/1982), que sumariou, em *Theoretical Geography*, a relevância da construção de uma metodologia geográfica, isto é, de uma Geografia teórica, ressaltando a importância da geometria (no caso não-euclidiana) para a análise das relações espaciais e dos padrões locais; de Haggett (1966), que salientou, em *Locational Analysis in Human Geography*, a importância da análise locacional para os estudos espaciais; e de Harvey (1969), que, em

criar-se uma prática científica verdadeiramente moderna, isto é, objetiva, geral e rigorosa, com base na lógica e na utilização da linguagem matemática. Em razão de suas características, tal orientação metodológica atingiu primeiramente os domínios da Matemática e da Física e, posteriormente, da Psicologia, da Sociologia, da Biologia, da Economia, da Geografia e demais ciências naturais e sociais.

⁵ Segundo Corrêa (1995, p.20), na Geografia Teorético-Quantitativa, os conceitos de paisagem e lugar não são importantes para a análise. O conceito de região perde tal importância sendo ... *reduzido ao resultado de um processo de classificação de unidades espaciais segundo procedimentos de agrupamento e divisão lógica com base em técnicas estatísticas*, isto é, a região é transformada em um modelo, dentre muitos outros, para a análise espacial. Gomes (1995, p.63) comenta que ... *o estabelecimento de regiões passa a ser um técnica da geografia, um meio para demonstração de um hipótese e não mais um produto final do trabalho de pesquisa...* é neste sentido que a região passa a ser um meio e não mais um produto... *a este conjunto de novas regras chama-se análise regional...* em que ... *a região é uma classe de áreas*. Haesbaert (2003, p.21) aponta que ... *região como classe de área, entretanto, constitui uma simplificação enorme da riqueza com que a região tradicional era abordada.*

sua obra *The Explanation in Geography*, apontou a necessidade de desenvolver, dentro de um contexto fundamentalmente espacial e matemático, uma estrutura teórica coerente para a Geografia. Nas palavras de Harvey (1969, p. 191), ... *toda a prática e a filosofia da geografia dependem do desenvolvimento de um quadro conceitual para se tratar a distribuição dos objetos e dos eventos no espaço*. Nesta afirmativa, fica evidente a importância do espaço para as análises da Geografia Teorético-Quantitativa, cuja ênfase estava centrada na *organização espacial*, fundamentada numa conduita analítica que tinha por base a *análise espacial*, resultando em modelos matemáticos sob a forma de *padrões espaciais*.

Assim, a Geografia Teorético-Quantitativa foi responsável, em grande parte, pela introdução de uma visão espacialista, na qual o espaço tornou-se uma variável-chave e a diferenciação espacial, dele decorrente, também representava importante viés de análise. Para Harvey (1969), o método sistêmico, conjuntamente com a matematização e com a modelização, representa a forma mais apropriada e pertinente à explicação geográfica⁶. Nesta perspectiva epistemológica e metodológica, o autor afirma que a diferenciação espacial, contida na temática da distribuição espacial, foi tratada, com bons resultados teóricos, por intermédio da análise sistemática.

Há que se destacar, entretanto, que a concepção de espaço dos geógrafos teorético-quantitativistas é limitada, como salienta Corrêa (1995), e, por esta razão, a discussão da diferenciação espacial parece pouco apropriada nessa corrente. Contudo, em não se tratando, por um lado, de análises com demasiada ênfase em geometrias estéreis ou em abstrações progressivas, geralmente, realizadas segundo posição extremamente formalista e mecanicista daqueles geógrafos fortemente influenciados pela lógica positivista; e, em se considerando, por

outro lado, as variações e os mecanismos econômicos utilizados na análise espacial e na elaboração dos padrões espaciais, é possível perceber que a Geografia Teorético-Quantitativa não perdeu de vista a diferenciação espacial como possibilidade de análise. Gregory (1996, p.99) salienta que havia versões ... *mais adiantadas* da análise espacial teorético-quantitativa, que não eram ... *unicamente determinadas pela contemplação geométrica*. Tais versões ... *focalizavam modelos parciais ou gerais de um panorama econômico* ou de uma ... *economia do espaço*. O autor está fazendo menção aos modelos da economia neoclássica, a exemplo dos de von Thünen (1826), Lösch (1940) e Weber (1909), que auxiliaram a elaboração dos modelos locais e de comportamento espacial.

A análise da *organização espacial* foi considerada por meio das noções de planície isotrópica e de representação matricial, nas quais se observam as premissas da racionalidade econômica, da competição perfeita e da a-historicidade dos fenômenos, como salientam Corrêa (1995) e também Capel (1981, p. 392), com o uso do termo *ordem a-histórica*. Tais noções e premissas não são mutuamente excludentes, pois são construções teóricas que permitem um caráter de generalidade, isto é, possibilitam a construção de modelos teóricos, apoiados no raciocínio lógico-matemático, que, na perspectiva racionalista e hipotético-dedutiva, compensa a perda de detalhes ou de especificidades pela generalização.

A diferenciação espacial é constatada a partir de tais construções teóricas. Para tanto, como declara Corrêa (1995, p.21), ... *o ponto de partida é a homogeneidade, enquanto o ponto de chegada é a diferenciação espacial que é vista como expressando um equilíbrio espacial*, haja vista que ... *diferenciação e equilíbrio não são, assim, estranhos entre si nesta concepção*. O autor observa que previamente à condição de diferenciação do

⁶ Harvey (1969) aponta que a Geografia desenvolveu cinco temáticas principais, a saber: relação homem-meio, diferenciação regional, paisagem, distribuição espacial e o tema geométrico. Dentre estas, a distribuição espacial, calcada nas teorias locais, e as análises geométricas foram as mais sensíveis aos procedimentos do positivismo lógico.

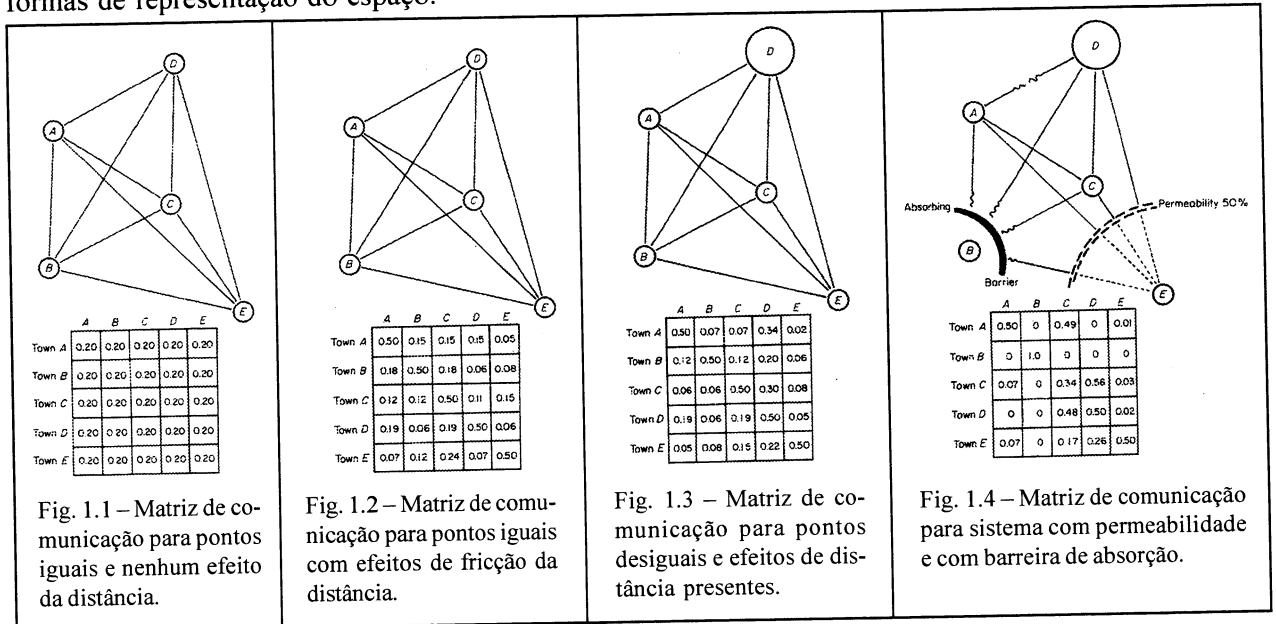
espaço tem-se, para fins de análise, um espaço homogêneo, como construção teórica, a exemplo da planície isotrópica, onde a variável mais significativa é a distância⁷. Corrêa (1995, p. 21) assevera que ... *sobre essa planície de lugares iguais desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam à diferenciação do espaço.*

Na Figura 1, tem-se um exemplo de operacionalização da matriz matemática e da planície isotrópica. Neste, observa-se que tal representação confere ao espaço um caráter topológico ou matricial, características que não impedem os processos de diferenciação espacial, pois fica evidente a condição inicial de homogeneidade na Figura 1.1, em que os pontos são indiferenciados e não sofrem o efeito da distância; na Figura 1.2, apesar da fricção da distância, os pontos permanecem indiferenciados; na Figura 1.3, por sua vez, com a interferência da distância, observa-se a diferenciação entre os pontos; na Figura 1.4, finalmente, estabelece-se um espaço

diferenciado, com presença de outras variáveis, a princípio relacionadas com o fator distância, a exemplo da permeabilidade e da barreira de absorção. Tais variáveis, certamente, irão ampliar a diferenciação entre os pontos, assim como a natureza do movimento, alterando por completo a situação de uniformidade em prol da heterogeneidade, que a princípio estava ocultada, em razão da estrutura do modelo teórico, porém igualmente presente, como evidenciado na Figura 1.4, demonstrando a negação da indiferença.

A construção de modelos, por meio da noção de planície isotrópica e por intermédio da concepção sistêmica, possibilitou uma aproximação com a economia espacial, pois, em uma postura interdisciplinar, os geógrafos apoiaram-se em teorias desenvolvidas por outras ciências, especialmente as econômicas, a exemplo das teorias de von Thünen, Lösch e Weber, cujos modelos teóricos são de inspiração neoclássica, quer dizer, construídos com princípios

Figura 1 – Exemplo de operacionalização da matriz matemática e da planície isotrópica, as duas principais formas de representação do espaço.



Fonte: Abler, Adans e Gould (1971, p.406-407).

⁷ Há, na planície isotrópica, um privilegiamento da noção de distância. Esta é a variável mais importante, sendo até mesmo vista como variável independente, como salienta Corrêa (1995). Neste contexto, Watson (1955, p.1) chega a afirmar que a Geografia é ... *uma ciência da distância*, variável esta definida em termos de custo, tempo, interação social, oportunidades intervenientes e outros termos. A este respeito, Harvey (1969, p.210) comenta que ... *a importância da distância em geografia está fortemente associada à definição da geografia como "uma ciência do espaço"*. Localização e distância foram as questões essenciais da Geografia Teórico-Quantitativa.

que seriam reconhecidos como tais, como aponta Claval (1974). Também a obra de Christaller (1966), nesse mesmo sentido, serviu de orientação para a produção de uma série de modelos espaciais, que buscavam compreender os sistemas de cidades. A respeito da *teoria das localidades centrais*, Taaffe (1975, p. 15) comenta que esta ... *foi vista como particularmente crítica e foi substituída por uma diversidade de modelos espaciais que lidavam com sistemas de cidades e com modelos dentro de cidades*. Assim como o modelo de difusão espacial, cuja teoria foi desenvolvida por Hägerstrand (1967).

Os modelos de von Thünen e Weber inspiraram a produção de uma diversidade de modelos locais mais complexos, associados à localização de atividades agrícolas, industriais e comerciais. No modelo de von Thünen, que orienta a organização espacial racional das atividades agrárias, a diferenciação espacial é expressa por meio de anéis concêntricos de uso da terra. Tais anéis expressam, segundo Mesquita (1978, p. 120), ... *variações espaciais de uso da terra e da intensidade da agricultura através da distância a um mercado consumidor da produção agropecuária e fornecedor de bens para áreas rurais*. Assim, partindo de uma situação de perfeita harmonia e considerando o mecanismo distância, o modelo thuniano possibilita a apreensão da *variação* de uso da terra agrícola e da *variação ... em gradientes de preço da terra e densidades demográficas intra-urbanas*, como assinala Corrêa (1995, p. 21). Tais modelos expressam a diferenciação do uso da terra, seja ela rural ou urbana, haja vista que o modelo de von Thünen possibilita posturas multiescalares e contextos espaciais variados. De modo semelhante, o modelo de Weber, sobre a teoria da localização industrial, parte de uma situação de equilíbrio e permite a leitura dos processos de diferenciação espacial. Taaffe (1975, p. 15), a respeito dos modelos de von Thünen e de Weber, observa que estes ... *evoluíram para formar séries de modelos locais mais complexos, abrangendo uma área mais realística e diversa de comportamento*, o que, sem dúvida, possibilita a apreensão da diferenciação espacial.

A obra de Christaller (1966) sobre a *teoria das localidades centrais*, obteve importante reconhecimento. Tal teoria, para Corrêa (1988, p. 61), representa ... *um quadro teórico sobre a diferenciação dos núcleos urbanos de povoamento*. Diferenciação que se revela ... *em uma nítida hierarquia definida simultaneamente pelo conjunto de bens e serviços oferecidos pelos estabelecimentos do setor terciário e pela atuação espacial dos mesmos*. Essa hierarquia, por sua vez, ... *caracteriza-se pela existência de níveis estratificados de localidades centrais, nos quais os centros de um mesmo nível hierárquico oferecem um conjunto semelhante de bens e serviços e atuam sobre áreas semelhantes no que diz respeito à dimensão territorial e ao volume de população*. Na gênese desse processo de diferenciação e de hierarquização dos centros urbanos, atuam os mecanismos econômicos de *alcance espacial máximo e alcance espacial mínimo*, cuja a combinação define a *área de influência* ou *área de mercado* de uma determinada cidade. Em resumo, Christaller (1966) desenvolveu a tese de que os centros urbanos, em decorrência dos mecanismos de alcance espacial máximo e mínimo e das economias de aglomeração, passaram a apresentar uma diferenciação de caráter hierárquico. Cumpre salientar que tais mecanismos são, portanto, responsáveis pela diferenciação espacial e, mais ainda, contribuem com a manutenção ou permanência desse processo, inclusive com a criação de novas diferenciações no espaço.

Igualmente, o modelo de difusão espacial desenvolvido por Hägerstrand (1967) inspirou a construção de modelos complexos para a compreensão de uma variedade de processos espaciais. Taaffe (1975, p. 15) salienta que o modelo de difusão espacial ... *passou, rapidamente, de uns poucos e simples postulados envolvendo planícies uniformes e populações homogêneas para modelos complexos que descrevem uma variedade de processos de difusão espacial, cada um com o seu próprio conjunto de efeitos de obstáculo e heterogeneidade socioeconômica*, que evidencia, sem sombra de dúvidas, a passagem de uma situação de indiferença para condições de diferenciação

espacial. Santos (1985) salienta que o próprio Hägerstrand considerou, em seu modelo de difusão de inovações, a importância da dimensão temporal na interpretação analítica do espaço.

A obra de Chorley e Haggett (1967), que faz ampla discussão sobre o uso de modelos na Geografia, evidencia como a modelização atingiu todos os ramos do conhecimento geográfico. Os geógrafos construíram modelos na geomorfologia, na climatologia, na hidrogeografia, nos estudos demográficos, na geografia urbana, na geografia econômica (modelos de desenvolvimento econômico, de localização industrial, de atividades agrícolas e de informação), nos estudos de região, de rede, dentre outros. De acordo com Burton (1963/1977, p. 77), ... *qualquer ramo da geografia que alegue ser científico necessita do aperfeiçoamento da teoria, e qualquer ramo da geografia que tenha necessidade de teoria necessita de técnicas quantitativas.*

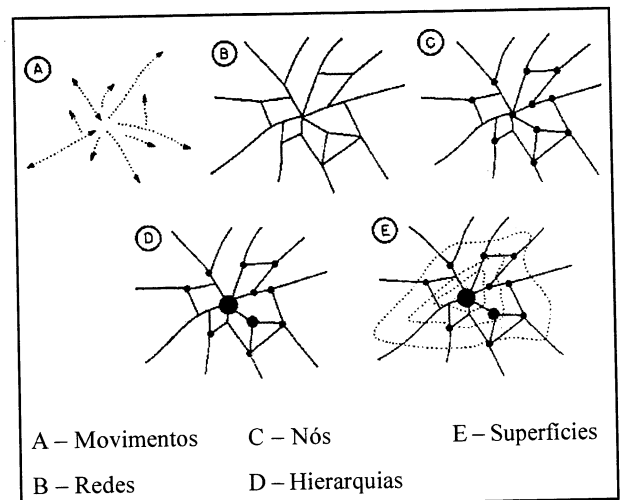
Fica também evidente, contudo, que tais modelos sofreram mutações e tornaram-se mais complexos, evoluindo para modelos com elevado grau de abstração, demonstrando a natureza das generalizações. Taaffe (1975, p. 17) assinala que os modelos desenvolvidos por von Thünen, Lösch, Weber e Christaller ... *passaram por grandes modificações teóricas... e se tornaram mais explicitamente espaciais.*

Com base nessas condutas metodológicas, foram produzidos pelos geógrafos teórico-quantitativistas numerosos modelos espaciais sobre *organização espacial*. No entanto, o conceito de *organização espacial* é entendido como *padrão espacial*, isto é, a Geografia Teorético-Quantitativa utiliza modelos para expressar a *forma de padrões espaciais* ou *padrões de distribuição espacial*, nos quais se valoriza a análise locacional, com base na idéia de espaço relativo, como apontam Abler, Adans e Gould (1971). Esses autores privilegiaram a questão locacional, as classificações, as interações espaciais, a difusão espacial, a hierarquia, a organização espacial, dentre outros aspectos da análise

espacial. Tais temáticas possibilitam a assimilação da diferenciação espacial, pois consideram temas como difusão, classificação, hierarquia e fluxos, que são pertinentes à diferenciação do espaço.

Haggett (1966), em sua obra *Locational Analysis in Human Geography*, que traz uma síntese da importância dos estudos locais para a Geografia Humana, fornece elementos importantes para a compreensão da abordagem por modelização, privilegiando o estudo dos padrões espaciais fundamentados na geometria. Assim, partindo do princípio de que a análise locacional, na Geografia, reduz-se ao estudo das formas espaciais, o autor propõe cinco categorias para a interpretação geográfica, a saber: movimento, rede, nós, hierarquia e superfície, como descrito na Figura 2. Essas categorias seriam, segundo Haggett (1966, p. 18), ... *estágios na análise de sistemas regionais*, quer dizer, a análise locacional foi estruturada em torno da decomposição de um sistema regional e em uma série de geometrias abstratas. Tais categorias, apresentadas e discutidas respectivamente ao longo da estrutura do livro, possibilitam o entendimento da diferenciação do espaço, haja vista que levam em conta aspectos próprios à diferenciação espacial, dentre elas: movimento, hierarquia e redes.

Figura 2 – Estágios na análise de sistemas regionais segundo Haggett (1966).



Fonte: Haggett (1966, p. 18)

Na análise regional, evidencia-se também a perspectiva ou a possibilidade de apreensão da diferenciação espacial. A região é abordada não como um conceito, mas como um tipo particular de classificação. Gomes (1995, p. 64), discutindo a noção de região na corrente teórico-quantitativa, expõe que, nas regras da análise regional, o espaço é dividido segundo critérios ou variáveis de classificação geral, resultando em regiões homogêneas ou isonômicas, cujas divisões do espaço ... *correspondem a verdadeiros níveis hierárquicos e significativos da diferenciação espacial*. As regiões funcionais, por sua vez, ... *dão forma a um espaço que é internamente diferenciado*. Dessa maneira, a diferenciação espacial está presente tanto na concepção de região homogênea como na de região funcional.

Assim, nos modelos espaciais, como expõe Corrêa (1995), determina-se um espaço previamente indiferenciado a partir do qual, em razão de fatores econômicos e outras variáveis, dentre os quais a distância, tem-se a possibilidade da leitura da diferenciação espacial. Desta forma, a Geografia Teorético-Quantitativa desenvolveu a temática da diferenciação espacial. Aliás, Harvey (1969) aponta a distribuição espacial, a partir da qual se tem a possibilidade da diferenciação espacial, juntamente com as análises geométricas, como os temas que apresentaram bons resultados teóricos sob o tratamento do positivismo lógico.

A partir do movimento da revolução teórico-quantitativa, ... *o debate epistemológico passou a ocupar um dos primeiros lugares no leque das questões geográficas*, como observa Gomes (1996, p. 272). Desta forma, ampliou-se o horizonte de reflexão, pois, além de esclarecer a especificidade do objeto, com a valorização das análises espaciais, definiu-se ... *um pólo metodológico preciso*, diretamente vinculado à filiação da Geografia a uma *posição racionalista*. Desta maneira, a idéia de natureza da Geografia Teorético-Quantitativa deve estar associada à definição de objeto, no caso, o espaço, e ao posicionamento metodológico, que reclamou para si objetividade e precisão, no

sentido de uma verdadeira conduta científica, com fundamentos metodológicos sólidos, como se esperava de uma Geografia científica e moderna. Todavia, a revolução teórico-quantitativa na Geografia é uma revolução científica da modernidade geográfica, sendo caracterizada pela crítica e refutação dos saberes e práticas da corrente anterior, no caso os da Geografia Tradicional, pela pretensão de superação das defasagens, dicotomias e desajustes metodológicos, e pela certeza de superioridade científica. Esta estrutura que caracteriza a passagem de uma corrente a outra, na verdade, representa uma prática de legitimação do novo ponto de vista, quer dizer, das novas teorias e das novas posturas metodológicas. A este respeito, Burton (1963/1977, p.67) admite que ... *uma revolução intelectual está terminada quando as idéias aceitas tenham sido derrubadas ou modificadas para incluírem novas idéias*. No entanto, apesar das críticas que, certamente, se podem fazer a tal corrente, é necessário considerar o importante avanço dos debates epistemológicos e metodológicos, especialmente, no que diz respeito ao espaço, que é elevado à condição de conceito-chave da Geografia.

No que tange à diferenciação espacial, pode-se pensar que tal visão não foi considerada pela Geografia Teorético-Quantitativa, especialmente quando se consideram as premissas para a elaboração dos modelos sobre determinada organização espacial. Os padrões espaciais resultantes partem, em razão dos pressupostos de racionalidade econômica, de competição perfeita e de a-historicidade, de uma situação de uniformidade espacial, expressa por meio de uma planície isotrópica, que a princípio desconsidera a heterogeneidade, mas sobre esse espaço isomórfico, desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam à diversidade do espaço. Tal procedimento representa uma diferenciação espacial *a posteriore*, no sentido de ser o espaço um produto que se diferencia mediante a atuação de um conjunto de variantes econômicas. Convém ressaltar que, apesar do princípio da indiferença espacial, o espaço é diferenciado e permanece igualmente heterogêneo. Contudo, a natureza da explicação, nas análises teórico-quantitativistas,

permaneceu superficial e simplista, tendo em vista que a própria noção de espaço era restrita e limitada.

3 – DIFERENCIAÇÃO ESPACIAL NO ENFOQUE DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO: A INTERPRETAÇÃO DA GEOGRAFIA CRÍTICA

A partir das décadas de 1970 e 1980, quando a revolução do saber geográfico pela teoria e prática teorético-quantitativa evidenciou esgotamento mediante as severas críticas por parte dos geógrafos radicais, a chamada *revolução crítica*, de orientação marxista, seguindo uma seqüência de incorporações teórico-metodológicas, introduziu profundas mudanças que alteraram a natureza da Geografia, como observam, dentre outros, Santos (1978), Capel (1981), Mendoza, et. al. (1982), Christofoletti (1985) e Gomes (1996)⁸. Essas mudanças propiciaram uma contribuição significativa para a análise espacial, haja vista que a noção de espaço como simples localização do fenômeno é superada em favor do entendimento do espaço como produto histórico e social.

Corrêa (1995, p. 23) assevera que, na Geografia Crítica, o espaço ... *reaparece como o conceito-chave*, entendido como um *produto social*, o que significa, como salienta Capel (1981, p. 436), ... *partir das estruturas sociais para conhecer a organização do espaço*. Mendoza et. al. (1982, p. 149-150), a este respeito, observam que ... *no campo específico do conhecimento geográfico, o discurso marxista supõe em todos os casos aceitar a existência de relações mútuas e complexas entre sociedade e espaço, entre processos sociais e configurações espaciais...* e, desta forma, ... *o espaço aparece... como um produto social*, quer dizer, um produto concreto de relações sociais historicamente determinadas. Uma das contribuições mais importantes para a constituição de uma análise

geográfica marxista é feita por Lefèbvre (1976, p. 25). O referido autor afirma que o espaço ... *desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema*, e, desta maneira, distingue o espaço como uma dimensão indispensável à construção da realidade social. Essa concepção, para os geógrafos que adotaram a perspectiva marxista, é fundamental, pois dá à realidade social concreta uma dimensão verdadeiramente espacial, possibilitando uma análise geográfica calcada sobre a dinâmica própria da espacialidade e garantindo ao espaço um papel-chave na interpretação da sociedade. Neste sentido, Soja (1983) enfatiza que ... *determinada historicamente, a espacialidade seria, assim, a expressão material das relações sociais*, ou seja, a noção de espaço está relacionada à própria vida material humana, sendo, portanto, ... *condição, meio e produto da realização da sociedade em toda a sua multiplicidade*, como assevera Carlos (2001, p. 11).

Nesse contexto, a diferenciação espacial representa aspecto de primeira ordem, tendo em vista que as pesquisas geográficas orientaram-se no sentido de buscar a origem, a natureza e as conseqüências da diferenciação espacial. Contrariamente à postura da Geografia Teorético-Quantitativa, que tratava a diferenciação espacial a partir de condições homogêneas, evidenciando uma situação de equilíbrio espacial, que cooperava com a manutenção das desigualdades, na perspectiva marxista, a diferenciação espacial é ponto de partida, cujo cerne explicativo repousa no fato de ser o espaço um produto social.

Na análise geográfica marxista, duas possibilidades de interpretação da diferenciação espacial são dadas por intermédio dos conceitos de *formação socioespacial*, desenvolvido a partir da categoria de formação econômico-social, elaborada por Marx

⁸ Capel (1981), comenta que ... *ao final do decênio de 1960, a crise [do neopositivismo] traduziu-se pela proliferação de movimentos críticos ou radicais, que se desenrolaram em todas as ciências sociais*. Nesse contexto, o marxismo exerceu importante influência sobre as tais ciências. Contudo, o pensamento crítico na Geografia remonta ao final do século XIX, quando das proposições dos anarquistas Élisée Reclus e Piotr Kropotkin. Todavia, tais proposições críticas foram abafadas pela *geografia oficial*, cujos interesses estavam vinculados ao pensamento dominante da época.

(1998) e Marx e Engels (1993), e de *desenvolvimento espacial desigual*, derivado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, cujos méritos são dedicados a Trotsky (1981). Mediante essas derivações, os geógrafos buscaram, em detrimento das explicações históricas e econômicas, acrescentar uma dimensão verdadeiramente espacial à análise marxista, especialmente com o resgate e a redefinição da noção de região, forma concreta da diferenciação espacial⁹. O conceito de região está, como salienta Gomes (1996, p.240), ... *na base da concepção científica da diferenciação espacial*, ou melhor, a região é ... *uma forma de ver o espaço que coloca em evidência os fundamentos da organização diferenciada do espaço* (Gomes, 1995, p. 60).

A contribuição de Santos (1977) para a análise geográfica marxista ou, como assevera Peet (1996), para a *dialética espacial*, aparece com o conceito de *formação socioespacial* ou, simplesmente, *formação espacial*, adaptado da categoria de formação econômico-social, cuja reabilitação o autor credita a Sereni (1970/1973), destacando, inclusive, a distinção entre *modo de produção* e *formação social*. Tal distinção é cara a Santos (1977) em sua adaptação do conceito de *formação espacial*. Esse conceito ou *meta-conceito*, como observa Corrêa (1995, p. 27)¹⁰, é crucial para a análise geográfica e também para o entendimento da diferenciação espacial, porquanto explicita, claramente, que uma sociedade só se torna concreta por meio do espaço que ela própria produz e, não obstante, o espaço só se torna inteligível por intermédio desta sociedade, pois trata-se de um espaço social, que é simultaneamente reflexo e condição da existência e

da reprodução dessa sociedade. Tais práticas socio-espaciais condicionam ou afetam a reprodução das diferenças espaciais. Neste sentido, o conceito de formação socioespacial permite considerar as categorias forma, função, estrutura e processo em suas diferenciadas concretizações espaço-temporais¹¹, porém integradas sob o dinamismo de um modo de produção, no caso vigente, sob o capitalismo.

Santos (1977) ensina que um dos caminhos mais apropriados à explicação da realidade espacial é através do conceito de *formação espacial*, pois, partindo da perspectiva de que o espaço é um produto social, uma realidade objetiva e não simplesmente um reflexo social, ou seja, o espaço é uma instância e um dado constitutivo da sociedade, explicita que ... *o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante... e como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia* (Santos, 1978a, p. 145). Essa categoria, portanto, é indicada pelo autor como ... *a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço* (Santos, 1977, p. 81).

Santos (1977, p. 87) afirma que ... *os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada e, nesta perspectiva, ... as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção*. Em artigo recente, Santos (1999, p. 6) ressalta que ... *modos de produção e espaço geográfico evoluem juntos, movidos pela mesma lógica unitária*. Neste sentido, o que se tem é uma organização espacial do modo de produção, e, desta maneira, pode-se

⁹ Segundo Haesbaert (2003, p.23), ... *o resgate do conceito de região pelo marxismo se dá principalmente de duas formas: uma que enfatiza a dimensão econômica... e outra que enfatiza os movimentos sociais, notadamente os regionalismos*. Neste artigo, o autor destaca os *antigos paradigmas* e as *novas perspectivas da Geografia Regional*.

¹⁰ Corrêa (1995, p.27) admite a possibilidade de tratar a formação socioespacial como ... *uma meta-conceito, um paradigma, que contém e está condida nos conceitos-chave, de natureza operativa, de paisagem, região, espaço (organização espacial), lugar e território*.

¹¹ De acordo com Santos (1985, p.2), o espaço deve ser analisado com base nestas quatro categorias: ... *forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a em pregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade*.

supor que o *processo espacial* seja uma emanção direta do *modo de produção*, pois, como assinala o referido autor, ... *a cada novo modo de produção (ou a cada novo momento do mesmo modo de produção) mudam a estrutura e o funcionamento do espaço*. Santos (1977, p. 91), discutindo *espaço e totalidade*, afirma que ... *o espaço reproduz a totalidade social... o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isto, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos*. Essa concepção dá à realidade social concreta, crescentemente diferenciada e complexa, uma dimensão verdadeiramente espacial, possibilitando uma análise geográfica calcada sobre a dinâmica própria da espacialidade.

Entretanto, Santos (1977/1999) alerta que a análise do modo de produção, apesar de central, não é suficientemente adequada à compreensão da organização espacial. À análise do modo de produção deve associar-se o conceito de *formação social*. Tal conceito permite uma análise particular e, portanto, reveladora da estrutura e do funcionamento do espaço. De acordo com Santos (1977, p. 87-88), ... *as relações entre espaço e formação social são de outra ordem, pois se fazem num espaço particular e não num espaço geral, tal como para os modos de produção. Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço*.

Para Santos (1977, p. 86), modo de produção, formação social e espaço são categorias interdependentes. Segundo este autor, ... *todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social*; em conjunto, tais categorias correspondem a uma totalidade social. Santos (1977, p. 87) alerta que, sendo a formação social uma estrutura técnico-produtiva, ... *ela não*

pode ser concebida sem referência à noção de espaço.

Assim, nem modo de produção e nem formação social podem ser pensados sem incluir a dimensão espacial. Segundo Santos (1977, p. 81), as formações econômico-sociais, como etapas de um processo histórico, referem-se à ... *evolução diferencial das sociedades*, e, neste sentido, o conceito torna-se válido para pensar uma noção de teoria adequada do espaço, visto não ser possível supor uma formação econômico-social ... *sem incluir a categoria do espaço*. Para tanto, Santos (1977, p. 82) sugere acrescentar ao conceito de formação econômico-social, a dimensão espacial. E, mais uma vez nas palavras do autor, ... *trata-se de fato de uma categoria de Formação Econômica, Social e Espacial* ou, simplesmente, *formação espacial*. De fato, cada formação econômico-social deve ser vista como uma formação socioespacial, isto é, como uma expressão singular de uma dada articulação dos modos de produção no tempo e no espaço, quer dizer, como singularidade de um processo socioespacial mais geral, o que pressupõe análises históricas e estruturais.

A diferenciação espacial é o resultado da materialização desigual e seletiva dos modos de produção, que, ao se tornarem concretos sobre um espaço, geram e reforçam as especificidades dos lugares. Sereni (1973) observa que a defasagem com a qual os modos de produção impõem seus diferentes conteúdos é responsável pelos distintos contextos temporais dos múltiplos elementos ou variáveis do espaço, sendo que a forma e os conteúdos espaciais estão associados tanto às heranças do modo de produção ultrapassado, como aos conteúdos do presente modo. Na verdade, os modos de produção têm efeitos desiguais sobre o espaço, isto é, materializam-se desigualmente no espaço, sendo o resultado uma série de formações sociais ou, antes, de formações socioespaciais. Esta tendência vai-se estabelecendo por meio da contradição entre a imposição incerta dos modos de produção e as especificidades das formações socioespaciais, com a persistência das antigas relações. No plano con-

creto, esse conflito define novas práticas socio-espaciais, que, por sua vez, ampliam os processos de diferenciação espacial, quer dizer, resultam em um espaço-tempo crescentemente diferenciado e desigual. Nas observações de Santos (1996, p. 115), ... o princípio da diferenciação deriva da combinação de ordem temporal e de uma ordem espacial.

Santos (1977, p. 87) ressalta que ... a localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades "externas", aquelas do modo de produção "puro", quanto pelas necessidades "internas"... , estas últimas dadas pela ... formação social propriamente dita. Essa relação dinâmica e, na maioria dos casos, contraditória e conflitante, entre necessidades externas e internas, ou seja, entre os determinantes do modo de produção, cujos padrões impõem-se de fora para dentro, e as mediações das formações sociais, é dado fundamental para explicar a diferenciação espacial. Para Santos (1977, p. 90), ... a assincronia está na base da evolução espacial, resultando em diferenças no espaço. A mediação das formações sociais impõe um conjunto particular de relações, pois, pela sua própria presença, é capaz de influenciar os momentos subsequentes dos modos de produção. Ambos, modo de produção e formação social, dependem dos atributos ou conteúdos do processo espacial, quer dizer, ao mesmo tempo em que o espaço é resultado, é produto, é ... matéria moldada pela totalidade da vida social, o espaço também molda as atividades humanas, como assevera Peet (1996, p. 165). A este respeito Santos (1977, p. 90) observa que...

... a unidade da continuidade e da descontinuidade do processo histórico não pode ser realizada senão no espaço e pelo espaço. A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das formações econômico-sociais permanentes.

Assim, em tempos de globalização, com um

... modo de produção que tende a ser único, o espaço geográfico seria homogeneizado ou uniformizado, por intermédio da ação de uma unicidade técnica. Todavia, isto não ocorre, pois ... a ação deste modo de produção tendencialmente único [sobre o espaço] passa pela mediação das formações espaciais (Santos, 1999, p. 6). Tais formações socioespaciais são a expressão continuamente atualizada da diferenciação espacial e, por conseguinte, são dados fundamentais para explicar porque as regiões ou os sub-espacos diferenciam-se uns dos outros. Tais regiões ou sub-espacos participam dessa globalização com graus diferentes de presença e de complexidade, pois definem-se tanto pela ... sua existência corpórea [na esfera da materialidade] quanto por sua existência relacional. Os atributos da globalização, que são dados pelos conteúdos técnicos, informacionais e comunicacionais, interpenetram-se, por meio de uma distribuição não homogênea, com os atributos dos lugares. Tal fusão ou interação dá característica e distinção aos sub-espacos, que se definem pela distinta densidade técnica, informacional e comunicacional. Como expõe Santos (1999, p. 16), ... é assim que os sub-espacos existem e se diferenciam uns dos outros, quer dizer, o fundamento da mudança espacial reside no choque entre o que já existe e o que se impõe como novo, resultando em um espaço diferenciado e desigual, que aparece como justaposição espaço-temporal, na qual ... o espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade (Santos, 1985, p. 22), a exemplo do multifacetado processo de diferenciação espacial.

Santos (1999, p. 15-16) alerta que a idéia de região mudou fundamentalmente de significado, de conteúdo, pois ... a velocidade das transformações mundiais deste século, aceleradas vertiginosamente nos pós-guerras, fez com que a configuração regional do passado desmoronasse. A noção de região vinculada à territorialidade de grupos sociais, isto é, associada às solidariedades orgânicas, foi substituída por outra noção relacionada às solidariedades organizacionais, haja vista que ... as regiões

se tornaram lugares funcionais do todo, espaços de conveniência, uma particularidade, ou seja, as regiões tornaram-se um campo de mediações, uma vez que são condição e suporte para as relações globais, pois tais relações não se realizariam plenamente sem os lugares, isto é, sem as coerências funcionais da região, que, por sua vez, são responsáveis pela ampliação da diferença entre os lugares. Para Santos (1996, p. 271), ... é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. Neste contexto, a região aparece como mediação entre os processos gerais e os singulares, resultando em uma organização diferenciada do espaço. Nas palavras de Santos (1996, p. 271), ... o "Mundo" escolhe alguns lugares e rejeita outros e, neste movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo, sendo que, para o termo modifica, entende-se também diferencia.

Para a diferenciação espacial, a importância do conceito de formação socioespacial reside no fato de tratar-se de uma noção que é *indissociável do concreto*, isto é, a formação socioespacial refere-se a uma sociedade historicamente determinada, concreta, e, desta maneira, possibilita o ... *conhecimento de uma sociedade em sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução* (Santos, 1977, p.84). Nesse sentido, tal categoria permite, de um lado, reconhecer as *similaridades* entre várias formações socioespaciais, a partir de estudos genéricos; e, por outro lado, definir as *especificidades* de cada formação socioespacial, mediante estudos particulares. A *especificidade* de cada formação socioespacial é o que a distingue das demais formações, possibilitando, desta maneira, apreender a diferenciação entre elas. O fato de ser o conceito de formação socioespacial associado a uma realidade concreta, susceptível, portanto, de localização espaço-temporal, permite o entendimento da diferenciação espacial, sugerindo, inclusive, a possibilidade de realização de estudos sincrônicos e diacrônicos, simultaneamente.

O conceito de *desenvolvimento espacial desigual*, termo utilizado por Massey (1978/1981/1984) e que corresponde a *desenvolvimento geograficamente desigual*, empregado por Soja (1983), ou simplesmente a *desenvolvimento desigual*, usado por Amin (1976), Walker (1978) e Smith (1988), assim como o de formação socioespacial, é essencialmente dialético, visto que foi desenvolvido a partir da lei do desenvolvimento desigual e combinado, proposta por Trotsky (1981) e cujas origens podem ser remetidas a Marx (1998) e também a Lênin (1982), que examinou esse conceito quando discutiu o *desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (Novack, Trotsky e Moreno, 1981). Tal lei está diretamente associada a dois processos — desigualdade e combinação — que, apesar de opostos e diferentes, possuem racionalidades que coexistem e se relacionam mútua e contraditoriamente, trazendo à tona a possibilidade da interpenetração dos contrários. Na análise geográfica, o conceito de desenvolvimento espacial desigual é introduzido, como mostra Gomes (1996, p. 300-301), num quadro de redefinições do campo de análise marxista, no qual se busca ... *uma verdadeira dimensão espacial à análise marxista, dimensão freqüentemente esquecida em favor de uma explicação histórica ou econômica.*

A discussão do desenvolvimento, conceito que denota um conjunto de mudanças nas esferas econômicas, políticas, sociais e culturais, e da contradição entre desigual e combinado dirige-se para o âmbito universal, contrariamente à da formação socioespacial, cuja lógica associa-se ao particular. A visão de universalidade do desenvolvimento desigual é apontada por Mandel, que explica tratar-se de uma ... *lei universal da história humana*, não estando, portanto, associada apenas à história do capitalismo. Althusser, neste mesmo sentido, afirma que o desenvolvimento desigual ... *não leva em conta unicamente o imperialismo, mas absolutamente tudo neste mundo.* Para esse último autor, o desenvolvimento desigual constitui a essência mais íntima da contradição, isto é, ... *ele existe na essência da própria contradição* (citado por Smith, 1988, p. 237). A respeito da obra de Althusser, Gregory (1996, p. 104) assevera que a Geografia poderia ter

apreendido muito da complexa e diferenciada estrutura construída por esse autor sobre desenvolvimento desigual, apesar da ênfase dada às *temporalidades do capitalismo* e não às *espacialidades*.

A explicação do desenvolvimento desigual é temário de debates entre Sociologia, Antropologia, Economia, Ciência Política e várias outras ciências, especialmente aquelas de orientação marxista. De acordo com Ribeiro (1970, p. 26/1979), a explicação do desenvolvimento desigual deve ser buscada nas forças geratrizes e nas condições sociais em que tais forças operam. Esse autor observa que ... *o desenvolvimento desigual dos povos contemporâneos se explica como efeito de processos históricos gerais de transformação que atingiram diferentemente a todos eles*.

Na Geografia, o conceito de desenvolvimento espacial desigual está relacionado à noção de espaço como *locus* da atividade humana, isto é, à concepção de espaço como uma dimensão real e concreta onde se dá a materialização das relações de produção e de reprodução da sociedade, quer dizer, onde ocorre a concretização das relações sociais, revelando práticas que são essencialmente espaciais, visto que os diversos conteúdos e materialidades que compõem a existência e a reprodução de uma dada sociedade inscrevem-se em um dado espaço. Nesse sentido, as relações sociais em toda a sua multiplicidade possuem existência real como existência espacial concreta, haja vista que a sociedade, ao produzir sua existência, reproduz, incessantemente, o espaço. O espaço, por sua vez, não é simplesmente uma extensão da sociedade, ao contrário, é condição, meio e produto dos múltiplos processos sociais e históricos, resultando, portanto, em um espaço diferenciado e desigual, que, em si mesmo, realimenta os processos de diferenciação espacial.

Assim como a formação econômico-social possui uma dimensão espacial, a lei do desenvolvimento desigual e combinado também tem uma dimensão espacial. Tal dimensão, como sugerem Massey (1978/1981/1984), Corrêa (1991), Thrift

(1996) e outros, traduz-se no processo de regionalização, ou seja, a região pode ser pensada como um resultado desta lei e, neste sentido, a diferenciação espacial está em paralelo ao processo de desenvolvimento desigual, como por exemplo para explicar o desenvolvimento geográfico desigual entre regiões na economia nacional. O termo é também utilizado de forma freqüente para explicar o desenvolvimento desigual entre nações na economia internacional; o desenvolvimento desigual entre setores, como, por exemplo, indústria *versus* agricultura; as transformações desiguais entre economia, cultura e política; e os desdobramentos desiguais da dinâmica das lutas de classes. O desenvolvimento desigual pode auxiliar também na explicação das diferenciações entre padrões de crescimento e de declínio de determinadas cidades. De fato, o desenvolvimento desigual e combinado traduz-se na homogeneização e na heterogeneização, na unidade e na diversidade, na igualização e na diferenciação, na convergência e na divergência, isto é, em processos que possuem racionalidades que coexistem e se interrelacionam de forma mútua e contraditoriamente, evidenciando a possibilidade da interpenetração dos contrários, dos opostos. Nesse sentido, tais processos materializam-se no espaço de maneira distinta, resultando, portanto, numa organização diferenciada do espaço, em contextos multiescalares.

Vale ressaltar que as análises geográficas sobre o desenvolvimento espacial desigual são realizadas de forma contemporânea e tratam, especificamente, das contradições do capitalismo. Todavia, Soja (1983, p. 55) assevera que o desenvolvimento espacial desigual descreve a padronização geral da espacialidade dos modos de produção, sendo, desta maneira, ... *uma característica inerente da expressão material das relações de produção e da divisão do trabalho, através da qual a própria espacialidade é definida*, isto é, a produção espacial desigual é resultante de condições e situações sociais e históricas específicas e, neste sentido, a combinação espaço-sociedade traz implícita uma desigualdade que se materializa por meio da diferenciação espacial. Outro dado a ser considerado, além das relações de produção e da divisão do trabalho, é o

ritmo, geralmente desigual, de introdução de inovações tecnológicas e seus respectivos desdobramentos. A modernização desigual é, fundamentalmente, elemento de diferenciação do espaço, pois, como observa Ribeiro (1979, p. 34), existe consenso ... *quanto ao poder de determinação dos conteúdos tecnológicos sobre os sociais e ideológicos...* e, nesse sentido, a dinâmica social pode ser facilmente acionada e diferenciada por meio da introdução de inovações tecnológicas. Estas inovações atuam com capacidade determinante, em razão do seu caráter acumulativo e irreversível.

Smith (1988, p. 16-17), por sua vez, observa que uma teoria do desenvolvimento espacial desigual ... *oferece a chave para determinar o que caracteriza a geografia específica do capitalismo*. De modo semelhante, Soja (1983, p. 34-35) reconhece a existência de uma ... *espacialidade diferenciada e desigualmente desenvolvida* como expressão ... *aplicada a um capitalismo intrinsecamente desequilibrado*. Não obstante, Massey (1978/1981) advoga que o processo de acumulação capitalista gera o desenvolvimento desigual do espaço, e, por isto, representa ferramenta importante para a compreensão deste mesmo processo. Nesse mesmo sentido, Harvey (1982, p. 415-416) argumenta que ... *o capitalismo não se desenvolveu sobre uma planície plana dotada de matérias-primas ubíquas, com oferta homogênea de trabalho e com iguais facilidades de transportes em todas as direções*, ao contrário, o capitalismo ... *está inserido, cresce e se difunde no interior de um variado ambiente geográfico que engendra uma grande diversidade na generosidade da natureza e na produtividade do trabalho*. Assim, tal associação revela o desenvolvimento espacial desigual como expressão geográfica do capitalismo, na tendência contraditória entre a desigualdade e a combinação, ou melhor, entre diferenciação e homogeneização, pois, como ensina Harvey (1982, p. 417), ... *o desenvolvimento desigual está parcialmente expresso em uma oposição entre as duas forças que se opõem, moldadas para a concentração [convergência] ou para a dispersão [divergência] na circulação do capital*.

Nessa perspectiva, Smith (1988) assevera que a lógica do desenvolvimento espacial desigual deriva de tendências opostas, ora para a diferenciação e ora para a igualização, ambas aparecendo, lado a lado, no bojo do capitalismo. Este processo concretiza-se como diferenciação espacial, resultante da necessidade, intrínseca ao capitalismo, de imobilizar continuamente e desigualmente o capital fixo. Para Smith (1988, p. 137), ... *a imobilização do capital desta maneira... é simultaneamente a produção de um espaço geográfico diferenciado*. Em paralelo, o referido autor observa que pode ocorrer, em função das crises cíclicas do capitalismo, a desvalorização desse capital fixo, fato que amplia ainda mais a diferenciação espacial. De acordo com Smith (1988, p. 210), ... *os efeitos da acumulação e desvalorização sobre o capital fixo traduzem-se mais acentuadamente em desenvolvimento e declínio espaciais...* O autor, quando analisa a diferenciação interna dos territórios, aponta também a diferenciação espacial como expressão da divisão territorial do trabalho, pois ... *a diferenciação do espaço nacional de acordo com a divisão territorial do trabalho é profundamente sensível ao ritmo da expansão e da crise...* do sistema capitalista (Smith, 1988, p. 209). A divisão territorial do trabalho, assim estabelecida, acentua o processo de diferenciação espacial, quer dizer, constitui-se em uma forma concreta de diferenciação espacial. Portanto, a diferenciação espacial resulta da produção especificamente capitalista do espaço em sua contradição entre o aumento da diferenciação do espaço e a tendência igualizadora do capital. Tal contradição, segundo Smith (1988, p. 149), ... *inscreve-se na paisagem como o padrão existente de desenvolvimento desigual*, que, de um lado, manifesta-se como desenvolvimento e, de outro, como subdesenvolvimento. As estruturas centro-periferia e dominação-subordinação também expressam essa contradição. Tais processos são homólogos à diferenciação espacial. Na verdade, o uso desse conceito implica e incentiva uma análise da produção da diferenciação espacial.

Assim como a corrente anterior, a revolução da Geografia pela teoria e prática marxista é também

uma revolução científica da modernidade geográfica. Da mesma maneira que a precedente, esta corrente também tem como ponto de partida a crítica e a refutação dos saberes e práticas das correntes anteriores, no caso os da Geografia Tradicional e os da Geografia Teorético-Quantitativa; observa-se também a mesma pretensão de superação das defasagens, das velhas dicotomias e das inadequações metodológicas, e constata-se a mesma certeza de superioridade científica. Tal estrutura de passagem de uma corrente a outra representa, na verdade, uma prática de legitimação do novo ponto de vista, quer dizer, das novas teorias e das novas posturas metodológicas, sendo que a Geografia Crítica promoveu importante amadurecimento da noção de espaço, contribuindo para amenizar as dualidades entre sociedade e espaço e também entre tempo e espaço.

A diferenciação espacial é apontada como um dos principais temas da pesquisa geográfica marxista, estando associada, primordialmente, à categoria modo de produção e às formas concretas que a ela estão vinculadas, como no caso dos conceitos de formação socioespacial e de desenvolvimento espacial desigual. No entanto, esses conceitos não encerram as possibilidades analíticas, ao contrário, eles instrumentalizam e fertilizam a diferenciação espacial como possibilidade de explicação da realidade.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O confronto de duas interpretações distintas, porém considerando uma mesma temática, no caso a da diferenciação espacial, abre possibilidades para apreender os importantes avanços realizados pela ciência geográfica. Estes avanços vêm das contribuições de diversos autores que perceberam a importância da diferenciação espacial como um dos aspectos a respeito da natureza da Geografia. Dentre tais autores, estão David Harvey, Dorren Massey, Derek Gregory, Yves Lacoste, Richard Peet, Milton Santos, Neil Smith, Edward Soja, Roberto Lobato Corrêa, Richard Walker, isto só para citar aqueles que fizeram a passagem de um paradigma neopositivista para um crítico, e também

aqueles que dedicaram ou dedicam-se diretamente às noções de formação socioespacial e de desenvolvimento espacial desigual. Cabe salientar que os breves esboços das contribuições e argumentos destes autores, citados ao longo do texto, não fazem justiça ao corpo total de suas obras. Além disto, há que se ressaltar que, ao longo deste trabalho, fez-se menção a vários outros autores que se dedicaram aos avanços epistemológicos e metodológicos na Geografia.

Confrontar os paradigmas que substantivaram a produção do conhecimento geográfico, considerando especialmente a Geografia Teorético-Quantitativa e a Geografia Crítica, constitui-se em rico exercício, uma vez que permite a apreensão dos aspectos positivos e negativos de um e de outro paradigma, bem como a assimilação do que há de comum entre eles e, especialmente, o que há de distinto e que, necessariamente, representa avanços do ponto de vista epistemológico e metodológico. Num primeiro olhar, o confronto mostra os antagonismos de uma Geografia da forma, da Matemática, da descrição em relação a uma Geografia do conteúdo, da dialética, da explicação. Contudo, num olhar mais aprofundado, percebe-se uma seqüência de incorporações, na qual o espaço representa o conceito-chave, seja de um espaço concebido segundo as noções de planície isotrópica, representado por meio de matrizes e grafos, seja de um espaço considerado reflexo, meio e condição social.

As orientações metodológicas explicam, em parte, os resultados obtidos nessas correntes. Tal explicação é complementada com a definição de objeto e plenamente satisfeita com as questões de caráter prático e ideológico. Por meio do conhecimento das posturas teórico-metodológicas e das atitudes ideológico-práticas, é possível apreender a noção de diferenciação espacial tanto na corrente teórico-quantitativa quanto na corrente crítica.

A perspectiva teórico-quantitativa apoiou-se, para a produção do conhecimento científico, na análise sistemática, nos modelos estatísticos, na linguagem matemática, na neutralidade da ciência e

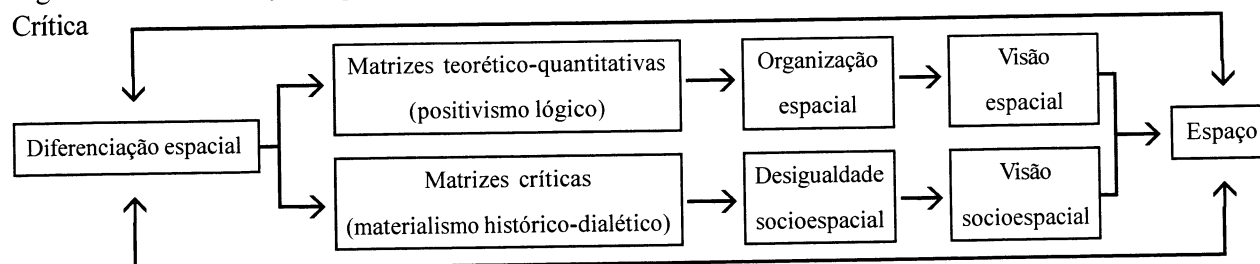
nas temáticas espaciais, com o privilegiamento do espaço como uma concepção abstrata, geométrica e generalizável, resultando em afirmações descritivas, sintéticas e empiristas, nas quais se desconsideravam as noções sociais e históricas. A Geografia Teorético-Quantitativa criou a expectativa de construção de uma análise geográfica rigorosamente científica, apoiada em análises padronizadas e repetitivas, sem qualquer compromisso social. A Geografia foi, por essa corrente, concebida e reformulada como uma ciência espacial, a partir da qual o espaço era passível de uma leitura geométrica. O enfoque crítico, por sua vez, foi projetado para a análise das questões socioespaciais, o que significou focalizar uma geografia concreta, com uma espacialidade concreta, resultando em um saber fortemente comprometido com o social e suas determinações. Na passagem de um paradigma a outro, observam-se mudanças de fundamentos muito importantes na história do pensamento geográfico, especialmente, mudanças epistemológicas, que adquirem magnitude a partir dos anos de 1970. As características distintivas desses dois paradigmas evidenciam que o conhecimento produzido por um e por outro aponta para resultados completamente diferentes, revelando também diferentes posturas e ações na sua prática efetiva.

Na figura 3, tem-se uma representação que busca dar inteligibilidade às questões acima mencionadas. A diferenciação espacial é colocada em destaque, estando, primeiramente, associada às matrizes teórico-quantitativas, que se encontram baseadas nos fundamentos da lógica formal e têm a organização espacial e a ordem espacial como objetos centrais da análise geográfica, em uma postura essencial-

mente espacialista. Em seguida, a diferenciação espacial é relacionada às matrizes críticas, baseadas nas posturas filosóficas do marxismo, nas quais as desigualdades socioespaciais e a espacialidade do capitalismo constituem os objetos fundamentais da interpretação geográfica, culminando em uma visão socioespacial, que amarra as dimensões sociais, históricas e espaciais.

Em ambas as correntes, constata-se uma progressiva definição do próprio objeto da Geografia, o espaço. Tal definição é iniciada, mesmo que de maneira restrita, na Geografia Teorético-Quantitativa, que eleva o espaço a uma posição central nas análises geográficas, em detrimento das noções de paisagem e região, tradicionalmente preocupações da Geografia Clássica. Na interseção entre a tradição geográfica e a marxista, a definição de espaço ganha magnitude com a resolução do dualismo espaço-sociedade, estando o espaço diretamente vinculado à noção de reprodução, uma vez que a sociedade, ao produzir sua existência, reproduz, ininterruptamente, o espaço, que é, simultaneamente, uma criação social e histórica. Por isto, tal produção gera um espaço fortemente hierarquizado e fragmentado. Esta corrente também se orienta pela relação espaço-tempo, sendo que a dimensão temporal torna-se essencial à explicação geográfica. A este respeito, Santos (1985, p. 22) ressalta que ... *a noção de espaço é assim inseparável da idéia de sistemas de tempo*, isto é, apresenta uma concepção de espaço como acúmulo de tempos. Há que se ressaltar que tal enfoque analítico coloca o espaço em relação direta com os demais conceitos-chave da Geografia, dentre eles: paisagem, região, organização espacial, lugar, território.

Figura 3 – Diferenciação espacial e as interpretações da Geografia Teorético-Quantitativa e da Geografia Crítica



Org.: K. BESSA, 2003.

Com base nessas concepções, cabe salientar que a diferenciação espacial está também diretamente vinculada à noção de espaço, da qual ela própria é decorrência e conteúdo substancial. Na corrente teórico-quantitativa, o ponto de vista espacial está associado à variável distância e às noções de padrão, orientação, posição relativa, acessibilidade e conexão, que descrevem arranjos espaciais que, para fins de análise, eram abstraídos do real e abordados em uma planície isotrópica com condições ideais (raízes idealistas de von Thünen). Tal concepção deriva de posturas descritivas e geométricas, que evidenciam uma idéia limitada de espaço, na qual o social é filtrado e a história desconsiderada. O espaço era concebido em termos de simplicidade racional e por meio de sua representação, via de regra, uma planície isotrópica, que é a versão geográfica da matriz matemática. A questão fundamental é a descrição dos padrões locais e da organização espacial, também considerada como padrão espacial, que *a priori* suprime a diferença. Mesmo assim, a diferenciação espacial era assimilada, especialmente em razão das variáveis econômicas contidas em tais representações matriciais. Nessa corrente, diferenciação e equilíbrio não eram pois termos opostos entre si, haja vista que, na análise, partia-se de uma situação de indiferença espacial, na qual atuariam variantes econômicas que levariam, inevitavelmente, à situações de heterogeneidade, implicando a negação da indiferença, uma vez que ... *não existe homogeneidade do espaço*, como afirma Santos (1996, p. 213). A diferenciação espacial, entretanto, estava relacionada à existência de uns poucos mecanismos econômicos, sendo as condições sociais e históricas secundárias. Por este motivo, a natureza da explicação permaneceu simplista, sendo a própria noção de espaço bastante restrita, o que impediu a elaboração de um arcabouço teórico-metodológico consistente, resultando, como argumenta Gregory (1996, p. 103), em ... *um retraimento generalizado da análise de estrutura espacial*.

No enfoque crítico, a diferenciação espacial é apontada como tema essencial, estando diretamente relacionada à noção de espaço, desenvolvida a partir dos pressupostos marxistas, que reconhece

este como um produto, um meio e uma condição social. Nesta perspectiva, a diferenciação espacial está diretamente relacionada às contradições socio-espaciais resultantes da concretização das relações de produção e de reprodução social. Tais relações geografizam-se de maneira diferenciada e desigual, privilegiando a própria diferenciação do espaço. Porém, é graças a esta materialidade que a diferenciação espacial torna-se cada vez mais explicativa das contradições socioespaciais. Para tanto, os conceitos de formação socioespacial e de desenvolvimento espacial desigual, que representam o resultado da busca por dimensões verdadeiramente espaciais, são fundamentais, porquanto possibilitam leituras particulares e também gerais da realidade, que se transforma sob a ação constante do modo de produção vigente, estando, portanto, a natureza da diferenciação espacial inexoravelmente vinculada a um determinado tempo e lugar. A noção de diferenciação espacial desvenda-se também, nessa corrente, como perspectiva analítica, pois permite o exercício reflexivo acerca da complexidade do mundo, e também como perspectiva teórica e conceitual, permitindo a elaboração de explicações pertinentes a determinadas condições espaço-temporais, significando que a natureza da explicação é qualitativa, o que expressa a superação das posturas eminentemente descritivas em favor de posturas explicativas da realidade. Assim, a noção de diferenciação espacial aponta para as relações espaço-sociedade e espaço-tempo, e, desta forma, evidencia a perspectiva de compreensão de uma totalidade que não se restringe apenas à dimensão do econômico, abrindo-se para o entendimento da sociedade em seu movimento mais amplo.

A partir deste quadro sumário, é possível concluir que a diferenciação espacial esteve presente nos diversos debates que orientaram as discussões epistemológicas na Geografia, especificamente, a partir da década de 1950, quando a Geografia define-se por uma visão espacial, isto é, quando o espaço torna-se o conceito-chave da disciplina. Entretanto, na Geografia Teorético-Quantitativa, a diferenciação espacial é reduzida, pela visão limitada do espaço e pelos comprometimentos ideológicos, a uma

simples natureza quantitativa. Na análise teórico-quantitativa, a pré-definição de variáveis e a noção de espaço isomórfico impedem ou dificultam a leitura da diferenciação espacial, que é por excelência qualitativa. De fato, este enfoque analítico sacrifica a possibilidade de tratar, explicitamente, as origens, a natureza e os efeitos da diferenciação espacial, de forma a cooperar com a manutenção das desigualdades socioespaciais. As formas espaciais podem ser descritas por meio da lógica formal, mas os processos e os conteúdos são melhor apreendidos por meio da dialética. Assim, na interpretação da Geografia Crítica, a diferenciação espacial é de natureza qualitativa, aparecendo como conteúdo substancial do processo espacial e não simplesmente como uma correspondência ou uma decorrência da diferença, condição essencial às relações humanas, expressa no espaço. Tal conteúdo é decorrente de um conjunto de eventos geografizados de forma diferenciada e desigual. Nesta direção, esta abordagem da diferenciação espacial contribui com uma proposta teórica e conceitual, e também como uma possibilidade de método, sendo, portanto, um elemento essencial à natureza da Geografia.

A construção das necessárias mediações entre a realidade e as reflexões teóricas impõe-se à Geografia como condição para o entendimento do espaço geográfico. Tal construção deve estar fundada em uma preocupação com os conteúdos do espaço, dentre os quais, ressalta-se, neste texto, o da diferenciação espacial. A diferenciação espacial representa importante mediação, pois é materialidade concreta, uma vez que é visível no plano do imediato e do diretamente perceptível; e, no plano intelectual, é possibilidade analítica, que instrumenta e fertiliza a explicação geográfica, que é aquela que se orienta na direção do desvendamento dos processos constitutivos do espaço.

Ao longo deste texto, indicou-se que a diferenciação espacial é, de fato, um termo familiar à Geografia, pois vincula-se diretamente à visão espacial, que, no decorrer da história do pensamento geográfico, ganhou magnitude e adequou-se como espaço socialmente produzido, tendo a diferença

como conteúdo ou substantivo. A diferenciação espacial, entretanto, tem um significado abrangente e complexo, que envolve outros conceitos, dentre eles, o de região, e que se associa a diversas possibilidades analíticas, que incluem os estudos formais, dialéticos, humanista-culturais e pós-modernos, evidenciando que não existe mais a crença em uma via metodológica única e reconhecendo a importância e a riqueza de outras condutas. Neste sentido, a importância da natureza e do significado da diferenciação espacial está diretamente associada aos rumos da Geografia, que se pretende uma ciência com capacidade explicativa e transformadora das realidades concretas.

Para finalizar, cabe ressaltar que há uma dose de ousadia em tratar da questão da diferenciação espacial como elemento essencial à da natureza da Geografia, isto, voltando à contribuição específica da discussão proposta inicialmente. As questões que envolvem a natureza do saber geográfico recaem, necessariamente, sobre o desvendamento do objeto, dos métodos, dos limites, do alcance e da importância de tal saber. Entretanto, a discussão em torno da natureza da Geografia mostra que as tendências sintetizadas por Pattison (1964/1976), Harvey (1969) e Taaffe (1975), de fato, representam os principais temas de interesse da Geografia, ou seja, a Geografia ocupou-se da explicação e da teorização dessas temáticas, dentre as quais, prevalece a noção de espaço, que consiste em uma totalidade que envolve as demais temáticas.

Não é propósito, neste texto, esgotar as possibilidades de confronto das idéias, mas apenas levantar pontos para contribuir com a necessária discussão teórico-metodológica. Mesmo porque o recente amadurecimento conceitual e analítico do espaço e a própria retomada da discussão sobre região obrigam a uma permanente reflexão sobre a adequação dos conceitos e categorias que norteiam a construção do pensamento geográfico.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABLER, Ronald; ADANS, John S.; GOULD, Pe-

- ter. **Spatial organization**: the geographer's view of the world. New Jersey: Prentice-Hall, 1971. 587p.
- AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
- BERRY, Brian J.L. Approaches to regional analysis: a synthesis. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, vol. 54, n. 1, p. 2-11, mar. 1964.
- BUNGE, William. **Theoretical geography**. Lund: The Royal University of Lund, 1966. 290p. (ver capítulo 1 – Uma metodologia geográfica, p. 1-13).
- _____. Geografia teórica. Uma metodologia Geográfica. In: MENDOZA, Josefina G.; JIMÉNEZ, Julio M.; CANTERO, Nicolás O. **El pensamiento geográfico**: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales). Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 402-411.
- BURTON, Ian. The quantitative revolution and theoretical geography. **Canadian Geographer**, v. 7, n. 2, p. 151-162, 1963. (Traduzido p/ o português: _____. A revolução quantitativa e a geografia teórica. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 7, n. 13, p. 63-84, 1977).
- CAPEL, Horacio S. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**. Barcelona: Editorial Barcanova, 1981. 509p.
- CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001. 368p.
- CHORLEY, Richard J.; HAGGETT, Peter. **Models in geography**. Londres: Methuen & Co, 1967. 816p.
- CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. Prentice-Hall/Englewood Cliffs, 1966. 230p.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: _____. (org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 11-36.
- _____. As características da Nova Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 3-33, abr. 1976.
- CLAVAL, Paul. **Essai sur l'évolution de la géographie humaine**. Paris: Les Belles Lettres, 1976. (Traduzido p/ o espanhol: _____. **Evolución de la geografía humana**. Barcelona: Oikos-Tau Ediciones, 1974. 240p.).
- CORRÊA, Roberto L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.
- _____. **Região e organização espacial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. 93p.
- _____. As redes de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 50, n. 1, p. 61-83, jan./mar. 1988.
- DAVIES, Wayne K.D. Teoria, ciência e Geografia. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 7, n. 13, p. 85-99, 1977.
- GOMES, Paulo César da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366p.
- _____. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.
- GREGORY, Derek. Teoria social e geografia humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (org.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Tradução de Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 90-122.

_____. Areal differentiation and post-modern human geography. In: GREGORY, Derek; WALFORD, Rex. **Horizons in human geography**. London: Macmillan Education, 1989, p. 67-96.

HAESBAERT, Rogério. Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional. In: ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA, XXII, 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB-Porto Alegre/Fundação Universidade de Rio Grande/Fapergs, 2003, 19-38.

HÄGERSTRAND, Torsten. **Innovation diffusion as a spatial process**. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

HAGGETT, Peter. **Locational analysis in human geography**. New York, 1966. 339p.

HARTSHORNE, Richard. The nature of geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, n. XXIX, 1939, p. 173-658.

HARVEY, David. **The limits to capital**. Chicago: Basil Blackwell Publisher, 1982. 478p.

_____. **Explanation in geography**. Londres: Edward Arnold, 1969. 521p.

LACOSTE, Yves. **Unité et diversité du tiers monde**. Paris: François Maspero, 1980. 203p. (vol. 3).

LEFÈBVRE, Henri. **Espacio y política: el derecho a la ciudad**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1976. 157p.

LÊNIN, Vladimir I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. Tradução de José Paulo Neto. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 402p.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 9. ed. Tradução de Luiz Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Hucitec, 1993. 138p.

MASSEY, Dorreen. **Spatial divisions of labour: social structures and the geography of production**. London: Macmillan Publishers, 1984. 339p.

_____. Regionalism: some current issues. **Capital and Clas Review**, London, n. 6, 1978. (Traduzido p/ o português: _____. Regionalismo: alguns problemas atuais. **Espaço e Debates**, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 50-83, dez.1981).

MENDOZA, Josefina G.; JIMÉNEZ, Julio M.; CANTERO, Nicolás O. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales)**. Madrid: Alianza Editorial, 1982. 545p.

MESQUITA, Olindina V. O modelo de von Thünen: uma discussão. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 40, n. 2, p. 60-130, abr./jun.1978.

MOREIRA, Rui. A diferença e a Geografia: o ardil da identidade e a representação da diferença na Geografia. **Geographia**, Niterói, ano 1, n. 1, p. 41-58, jun.1999.

NOVACK, George; TROTSKY, León; MORENO, Nahuel. **La ley del desarrollo desigual y combinado**. Cidade do México: Ediciones Quinto Sol, 1981. 122p.

NYSTUEN, J. Identification of some fundamental spatial concepts. In: BERRY, B.J.L.; MARBLE, D. **Spatial analysis: a reader in statistical Geography**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Inc., 1968. p. 35-41.

PATTISON, William D. The four traditions of geography. **The Journal of Geography**, vol. 63, n. 5, 1964, p. 211-216. (Traduzido p/ o português: _____. As quatro tradições da geografia. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XXVII, p. 131-142, 1976).

- PEET, Richard. Milton Santos no exílio: os anos de setenta. In: SOUZA, Maria Adélia A. (org.). **O mundo do cidadão: um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucutec, 1996, p. 164-168.
- RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sócio-cultural. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 257p. (Estudos de Antropologia da Civilização).
- _____. **As Américas e a civilização**: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Estudos de Antropologia da Civilização II).
- SANTOS, Milton. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 5-20, jan./jun.1999.
- _____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo/razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.
- _____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88p.
- _____. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 1978. 285p.
- _____. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978a. 113p.
- _____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo: AGB, n. 54, p. 81-99, jun.1977.
- SCHAEFER, Fred K. **Exceptionalism in geography**: a methodological examination. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, ano 431, n. 3, 1953, p. 226-249.
- SERENI, Emílio. La categoría de “formación económico-social”. In: Cuadernos de Pasado y Presente n. 39. **El concepto de “formación económico-social”**. México: Ediciones Pasado y Presente/Siglo XXI Editores, 1973, p. 55-95.
- _____. De Marx a Lenin: la categoría de formación económico-social. **Quaderni Critica Marxista**, Roma, n. 4, 1970, p. 29-79.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Tradução de Eduardo Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 250p.
- SOJA, Edward W. Uma concepção materialista da espacialidade. In: BECKER, B.K.; COSTA, R.H.; SILVEIRA, C.B. (org.). **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ/Departamento de Geografia/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 1983, p. 22-74.
- TAAFFE, Edward J. A visão espacial em conjunto. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano 34, n. 247, p. 5-27, out./dez. 1975.
- THRIFT, Nigel. Visando o âmago da região. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (org.). **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência social. Tradução de Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 216-247.
- TROTSKY, León. Particularidades en el desarrollo de Rusia. In: NOVACK, George; TROTSKY, León; MORENO, Nahuel (org.). **La ley del desarrollo desigual y combinado**. Cidade do México: Ediciones Quinto Sol, 1981, p.79-103.
- ULLMAN, Edvard L. Geography as spatial interaction. In: REUZAN, D.; ENGLEBERT, E. S. (eds.). **Interregional linkages**. Berkeley: University of California Press., 1954, p.1-12.
- WALKER, Richard A. Two sources of uneven development under advanced capitalism: spatial differentiation and capital mobility. **The Review of Radical Political Economics**, New York, vol. 10, n. 3, 1978, p. 28-36.
- WATSON, J. W. Geography – A discipline in distance. **Scottish Geographical Magazine**. Edinurgh, vol.7, n. 1, p. 1-13, 1955.